



AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Rosa Maria de Aquino

Graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura)

Mestrado em Antropologia e doutorado em Antropologia

Pós-doutorado em Antropologia

Professora associada da Universidade Federal Rural de Pernambuco

Departamento de Ciências Sociais

E-mail: rosaquino@gmail.com

RESUMO

Este artigo condensa resultados de diferentes pesquisas cujo cerne foi o de identificar manifestações de intolerância no seio de diferentes vieses religiosos. As pesquisas, de caráter qualitativo, foram construídas com o método etnográfico e a observação participante, antecedidas de consultas bibliográficas e apropriações teóricas que dialogaram com a realidade com que se confrontaram. Nas experiências aqui reportadas a intolerância predomina, mas uma experiência de tolerância se destaca.

Palavras-chave: Religiosidade; Intolerância; Tolerância.

SOCIAL SCIENCES AND RELIGIOUS INTOLERANCE

ABSTRACT

This article summarize the results of different researches whose focus was to identify manifestations of intolerance within different religious biases. The researches, of qualitative character, were constructed with the ethnographic method and the participant observation, preceded by bibliographical inquiries and theoretical appropriations that dialogued with the confronted reality. The intolerance predominates in the experiences reported here, but an experience of tolerance stands out.

Keywords: Religiosity; Intolerance; Tolerance.

Introdução

As Ciências Sociais, a partir das suas diferentes abordagens, têm se dedicado a interpretar e clarificar o entendimento das relações sociais advindas da adesão às crenças religiosas. Neste texto sigo o caminho antropológico e busco o diálogo da



religião, um dos primeiros temas estudados pela Antropologia, com questões vinculadas à intolerância, mas também à tolerância. Aliás, não é de agora que Geertz (2001, p. 153) já chamava atenção para o fato de que “Em quase todos os lugares [...], vemos concepções de cunho religioso sobre o que é tudo, sempre e em toda parte, sendo impelidas para o centro da atenção cultural”.

Esta afirmação assume maior significado no momento atual da sociedade brasileira, quando muito do que se identifica como religioso anda de braços dados com a intolerância e segue em várias direções. Uma dessas direções é a política, com maior participação de evangélicos e de católicos conservadores ou ultraconservadores, acompanhados em menor proporção por adeptos de outros vieses religiosos. Embora não seja objetivo deste trabalho, registro de modo subjacente sinais de surgimento da intolerância no meio religioso tendo como alvo a política e alguns políticos. Na verdade, o objetivo primordial deste artigo fica por conta da exposição e da análise de manifestações de intolerância entre atores sociais vinculados a diferentes tendências religiosas e, em paralelo, da apresentação de uma experiência de tolerância.

Do ponto de vista metodológico utilizei a pesquisa qualitativa de caráter etnográfico acompanhada da observação direta e observação participante, no trilha de um arcabouço teórico disponível para o tema em lide. Esse caminho me levou a imergir no campo de estudo de modo mais direto e com maior proximidade com meus interlocutores.

Trago, pois, uma reflexão sobre parte dos resultados de três pesquisas realizadas em diferentes tempos e espaços, tendo como eixo central a captação e a análise das manifestações de intolerância com gênese na opção religiosa dos atores sociais. O trajeto de uma das pesquisas, em 2014, se deu em três grandes eventos públicos religiosos: a 8ª Caminhada dos Terreiros de Pernambuco, a Marcha para Jesus e a “Festa do Morro”, na sua 110ª edição, no Dia de Nossa Senhora da Conceição. As



mesmas perguntas se repetiram no roteiro de entrevista utilizado nesses eventos. A outra pesquisa realizou-se, em 2019, na 13ª Caminhada dos Terreiros de Pernambuco. Tomei por base o roteiro de entrevista utilizado na pesquisa de 2014, mas inseri outras dimensões relativas ao tema central. A terceira pesquisa, antecedeu as duas anteriores e realizou-se entre 2012 e 2014. Por meio do uso intensivo da observação participante, desenvolvi estudos no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA) para compreender a presença de diferentes tendências religiosas no mesmo espaço físico, sem que houvessem manifestações de intolerâncias recíprocas, se constituindo assim um caso de práticas de tolerância religiosa. Todos esses estudos tiveram como palco a cidade do Recife (PE).

Os resultados das pesquisas colocam em evidência que as religiões de matriz afro-brasileiras e seus adeptos são preferencialmente vítimas da intolerância, principalmente originadas das vertentes evangélicas pentecostais. A católica não sofre praticamente preconceito, o que não surpreende, pois apesar do seu declínio numérico nas últimas décadas, pressionada pelo crescimento do viés evangélico, continua sendo hegemônica no Brasil. Na experiência de tolerância, no NEIMFA, os rituais de budismo, catolicismo, jurema e espiritismo se alternam no mesmo espaço físico e proporcionam a participação das mesmas pessoas, por opção de cada uma. Tal vivência pode se constituir na busca e no encontro de novas rotas para a construção da tolerância. Não se pode ignorar, contudo, que estas são religiões não exclusivistas, em particular o budismo, a jurema e o espiritismo.

Esses resultados mostram o quanto é oportuno a Academia debruçar-se sobre esse tema, mormente quando a sociedade brasileira vive um momento em que as relações de intolerância fervilham, com intensa participação de religiões e de religiosos. Há de fato, uma necessidade premente de reflexões, em estreito diálogo com a realidade, por meio sobretudo de pesquisas empíricas que descortinem os fatos e os



analise à luz dos arcabouços teóricos para uma melhor compreensão do que se passa na sociedade. Pela importância, pois, que a intolerância tem para este texto, permito-me relatar um protesto reivindicatório que teve lugar durante um evento evangélico, a Marcha para Jesus.

2. Sinais de intolerância

Em 2014, na cidade do Recife (PE), durante a Marcha para Jesus (ANJOS, 2019)¹, na avenida à beira-mar da praia de Boa Viagem, evangélicos reunidos à parte, destacando-se da Marcha, muitos com a camisa que identifica a seleção brasileira de futebol, e liderados por um jovem Pastor da Igreja Presbiteriana do Cabo, tornavam visíveis suas reivindicações, sem preocupação alguma se seu *modus operandi* negava o amor, a solidariedade ou a compreensão, lições amplamente abraçadas pelo cristianismo. Com frases e posturas agressivas, portavam cartazes e gritavam: “Fora Dilma” (IMPEACHMENT..., 2016)², “Fora comunistas”, “Não ao Fórum de São Paulo” (VOCÊ..., 2014)³, “Não ao aborto” etc., enquanto os trios elétricos se alternavam com seus “dançarinos e cantores para Jesus”, como faziam questão de identificar.

Na camisa de alguns participantes, junto com a pergunta “Você tem tempo para Jesus?”, já se via discretamente uma espécie de selo, que mais tarde apareceria mais

¹ Evento público organizado pela Igreja Renascer em Cristo, desde 1993, liderado pelo Bispo Estevam Hernandes e por sua esposa Bispa Sônia Hernandes.

² Dilma Rousseff, primeira mulher eleita presidenta brasileira e que sofreu impeachment em 2016.

³ “É um fórum de debates que discute as alternativas à visão neoliberal da economia e da política. Esses grupos e partidos de esquerda trocam experiências e conhecimento a respeito de como construir políticas sociais”.



ostensivamente nas manifestações de rua para derrubar a presidenta da República: uma mão com apenas quatro dedos que simbolizaria o banimento da política de um ex-presidente, ex-metalúrgico, Luiz Inácio Lula da Silva (gestões de 2002-2010), que perdera um dedo enquanto trabalhava como operário (AQUINO, 2014).

Naquele momento, tais bandeiras pareciam extemporâneas, sem harmonia com a Marcha, mas ali já se delineava a postura assumida por grande parte do universo evangélico brasileiro, ao ser identificado como um dos mais efusivos eleitores e seguidores do Presidente da República, cuja gestão teve início em 2019. A semente da dissensão já pairava naquele momento sobre aqueles integrantes da Marcha, enquanto o que pregavam estendeu-se até os dias de hoje, na exibição de poder, influência e interferência nos destinos da sociedade brasileira, utilizando diversos meios.

Um caso emblemático de exposição desse poder é o processo de indicação do titular do Ministério da Educação (MEC), amplamente divulgado pela mídia. O primeiro a ser convidado, Mozart Neves Ramos, aceitou o convite, ainda em novembro de 2018, período de transição de governo, mas por reação de evangélicos ao seu nome, acabou sendo desconvidado pelo Presidente da República e substituído por Ricardo Vélez Rodrigues (RAMALHOSO, 2019). Depois de Rodriguez, assumiu Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub, substituído por Carlos Alberto Decotelli, evangélico batista, que pediu demissão antes mesmo de ser empossado, pela repercussão das falhas identificadas no seu Curriculum Lattes (CARLOS... (2020). Sua gestão durou 5 dias (SOARES; CAFARDO; LINDNER, 2020). Em um ano e meio de gestão do atual governo, o 4º Ministro assume a pasta. Trata-se do Pastor presbiteriano e professor Milton Ribeiro, para gáudio de evangélicos conservadores ou ultraconservadores. Não se trata de ser ou não ser um Ministro evangélico ou de qualquer outra tendência religiosa, mas de como gerir um Ministério de tamanha importância para o país, laico por definição constitucional, pressionado pelos valores



defendidos pelo conservadorismo religioso. Geertz (2001, p. 155) sinaliza que o “O mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas”.

O relato deste caso torna evidente relações que cada vez mais tomam corpo na convivência da religião com a política e como a primeira tem exercido seu poder de pressão, tendo por mensageiros políticos evangélicos ou evangélicos políticos, estes últimos representados por Pastores midiáticos-empresários, mas também pela ala conservadora da igreja católica, como ilustra a reportagem da Revista Forum (TVs..., 2020), valendo-se, inclusive, do uso intensivo das redes sociais, além das mídias de massa como a televisão.

3. Concretização do campo de estudo e trajetória metodológica

Como já posto na Introdução, as pesquisas sobre as quais faço as reflexões neste artigo foram realizadas de modo qualitativo, com um procedimento etnográfico e uso da observação direta e da observação participante, esta última com diferentes gradações.

Nas 8ª e 13ª Caminhadas dos Terreiros de Pernambuco, na Marcha para Jesus e no “Festa do Morro”, a inserção foi em um único dia, o da sua ocorrência, razão pela qual predominou a observação participante e a aplicação de um questionário sintético e idêntico para todos os eventos, com pequenos acréscimos de perguntas na 13ª Caminhada. Para este texto foram destacadas a adesão aos diferentes tipos de religião e as possíveis ocorrências de atos discriminatórios, dos quais os entrevistados foram vítimas. Nesses eventos contei com a participação, a título de aula prática, de discentes das turmas das disciplinas de “Teorias Antropológicas Clássicas” e de “Religião,



Sociedade e Cultura” ou de “Antropologia e Direitos Humanos”, mas também de discentes integrantes do Grupo de Estudos de Diversidade Religiosa e Intolerância (GEDRI), que coordeno, do curso Bacharelado de Ciências Sociais da UFRPE.

No que tange às Caminhadas dos Terreiros, são consideradas eventos de maior mobilização da tradição afro-brasileira e têm como objetivo principal combater a intolerância religiosa. Seguidores do Candomblé, da Umbanda e da Jurema, além de apoiadores, admiradores e mesmo curiosos se movimentam para juntos lutar contra qualquer tipo de discriminação. As Caminhadas dão visibilidade aos povos de terreiros, constituem-se em instrumentos de legitimação e de busca da aceitação de suas crenças em uma sociedade de maioria cristã, muitas vezes avessa às religiões de matriz afro-brasileira. Seus participantes ocupam as ruas centrais do Recife e realizam alguns dos seus rituais demonstrando alegria, fervor e, o que mais chama a atenção, pertencimento (AQUINO, 2012). Nossa atuação se deu na 8ª Caminhada, em 04 de novembro de 2014 e na 13ª Caminhada, em 01 de novembro de 2019.

Importante considerar que esses eventos têm também efeito político ao assumirem publicamente sua identidade religiosa, saírem da invisibilidade, da marginalidade e, assim, ocuparem seu próprio espaço na sociedade, mas também darem início às comemorações da Consciência Negra. Fica clara também essa postura política, ao ser escolhido um tema a cada ano. Em 2019, “Mexeu com um mexeu com todos”, tema muito oportuno para o momento político do país. Para a mãe de santo Roxi de Ogum (RIBEIRO, 2019), as Caminhadas se constituem em formas de lutar contra o preconceito e de alcançar o direito do exercício da sua fé. Em suas palavras:

A importância da caminhada é muito grande, porque temos que lutar por aquilo que é nosso. Estamos saindo na rua, dando a cara à tapa, para ver se vencemos os preconceitos. Queremos que nos deixem trabalhar em paz, viver, que a gente abra nosso candomblé e não tenha essa guerra.

Aquino (2012) assinala que esse esforço de tornar visíveis e aceitos pela sociedade os adeptos dessas religiões, já tinha sido expresso pela Coordenadora



Religiosa da 5ª Caminhada, em novembro de 2011, que por meio de declarações dadas a um jornal local afirmou: - *Queremos mostrar que vivemos em um país laico. Através dessa Caminhada, desejamos que a população nos conheça.* São depoimentos que caminham na direção de neutralizar preconceitos, não como concessão, mas pelo exercício do direito de viverem em país laico por definição constitucional.

A Marcha para Jesus surge como evento cristão interdenominacional em 1987, em Londres, com o objetivo de levar a igreja às ruas. Espalhou-se pelo Reino Unido e em 1998 reuniu 10 milhões de pessoas simultaneamente em mais de 30 países. A primeira edição no Brasil aconteceu em 1993, em São Paulo. A Marcha em que realizei a pesquisa aconteceu em 15 de novembro de 2014, na avenida à beira-mar, na praia de Boa Viagem (Recife-PE). Recheada de trios elétricos, “Trio Surf”, “Trio Maranhá”, “Ministério Semear”, “Nação Surf” (este era o preferido da multidão) que, entre outros, desfilavam conduzindo cantores e conjuntos musicais espalhando altos níveis de decibéis. Cada Trio tinha seu público em torno do veículo que, enquanto se deslocava, ostentava propagandas de Faculdades privadas, de estúdios etc. O público, hegemonicamente jovem com muitos adolescentes, dançava e cantava freneticamente, executando simétricas e cadenciadas coreografias. Alguns dançavam sensualmente outros desajeitadamente, sem ritmo algum. Exceto pela aparente ausência de bebida alcoólica (o que mais se vendia era água mineral) e roupas não necessariamente sensuais, em nada ficava a dever em animação e participação aos carnavais que se utilizam de Trios elétricos. Pequenos grupos se identificavam pelas cores e frases na camisa que usavam, a exemplo de “Loucos por alma”, “Jesus te ama”. Os cânticos exaltavam temas bíblicos “igual Davi dançou eu também quero dançar...”, “Formosos são os pés dos que anunciam...”

Por seu turno, em 08 de dezembro de 2014, participei da 110ª edição da “Festa do Morro”, como é mais conhecida a festa de Nossa Senhora da Conceição. Registro a



presença de muitas pessoas que foram fazer agradecimentos por uma hierofania que testemunharam em algum momento de sua vida, valendo-se de rituais. Assim, atos banais como vestir azul e branco, carregar um tijolo na cabeça, andar de costas, ficar de joelhos assumiam a conotação da passagem do estado profano para o sagrado, em busca do “centro do mundo” a que se refere Eliade (1992), naquele momento representado pela igreja, local das missas, onde está próxima a imagem da santa, local em que cada pessoa pode entregar as suas oferendas. A dicotomia profano/sagrado está muito presente naquele evento. Ao lado das demonstrações de fé, pagamento de promessas, entrega de ex-votos, funcionam normalmente os bares e a venda de bebida alcoólica, além de intenso comércio de produtos considerados religiosos.

O Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), onde identifiquei o caso de tolerância religiosa, localiza-se no bairro do Coque (Recife-PE), sobre o qual pesa o estigma da pobreza e do alto índice de violência. Dista 2,5km do centro do Recife e nas suas proximidades estão prédios residenciais de uma classe média em ascensão, o Polo Médico Recife, o Hospital da Associação da Criança Deficiente (AACD), além do luxuoso prédio do Fórum Jurídico Desembargador Rodolfo Aureliano.

O NEIMFA tem uma proposta de transformação da sociedade por meio da construção da paz. Para isso desenvolve, numa perspectiva holística, projetos sociais, atividades educacionais e disponibiliza rituais de diferentes tendências religiosas, numa tentativa de preparar os seres humanos para a inclusão social sem desprezar a espiritualidade, não necessariamente a religiosidade, que os líderes fazem questão de estabelecer a diferença. Os rituais da jurema, do budismo, do catolicismo, do espiritismo, alternam-se sistematicamente e os adeptos participam de quantos quiserem sem a preocupação de se filiar unicamente a um. Não há exclusivismos. A estética dos rituais se modifica de acordo com suas peculiaridades simbólicas e com a



necessidade de layout adequado para acomodar as pessoas na sua dinâmica. O processo metodológico utilizado foi de intensa observação direta nos rituais e alguma observação participante, quando instada em momentos específicos, além do uso de entrevistas semiestruturadas.

4. A intolerância como *modus vivendi*

Resultante de pensamentos que se consolidam em comportamentos conscientes ou não, a intolerância se manifesta inevitavelmente em detrimento do outro. Sua construção trilha por vários caminhos e nasce de diferentes motivações. Mesmo que não remeta seu pensamento diretamente à intolerância, Lévi-Strauss (2008) nos oferece algumas pistas para compreender a recusa que o ser humano sente pelo que não conhece, pelo que é diferente, pelo que não o identifica do ponto de vista cultural, moral, religioso, social, estético. Nas palavras do autor (p. 4):

A atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos, pois que tende a reaparecer em cada um de nós quando somos colocados numa situação inesperada, consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos. “Costumes de selvagem”, “isso não é nosso”, “não deveríamos permitir isso”, etc., um sem número de reações grosseiras que traduzem este mesmo calafrio, esta mesma repulsa, em presença de maneiras de viver, de crer ou de pensar que nos são estranhas. Recusa-se, tanto num como noutro caso, a admitir a própria diversidade cultural, preferindo repetir da cultura tudo o que esteja conforme à norma sob a qual se vive.

O que seria essa atitude de repúdio quando se trata de religião? Cosmovisão diferente? *Ethos* estranho? E como repercute nas relações sociais? O autor responde no mesmo texto. Sim, a recusa diante de modos de crer, de pensar desconhecidos, dá a sensação de que se está fora do contexto, de não pertencimento. O autor lembra, contudo, que qualquer que seja o caso há o confronto com a diversidade cultural. Neste artigo, a religiosa, e que diante do desconhecido ou do diferente, a reação pode emergir



até de modo violento, sem clareza de como se comportar e sem entender o comportamento do outro. Penso, então, que a recusa pode atingir as raízes da intolerância, a qual pontifica nas sociedades em diferentes estágios.

Aproprio-me, então, da ideia da intolerância como um ato de negação total do outro para uma melhor compreensão de como ela atua no cotidiano das sociedades e de como explico os resultados das pesquisas que dão origem a este artigo. Diz Hérítier (2000, p. 25): “No fundo, é preciso negar o Outro como verdadeiro humano para poder excluí-lo, causar-lhe mal, destruí-lo, e até mesmo negar-lhe uma ‘sobrevida’ *post mortem*”. O propósito de anular o outro se depreende do Relatório sobre Intolerância Religiosa no Brasil - RIVIR (2011-2015) – Resultados Preliminares (MINISTÉRIO DAS..., 2016) bem como das informações resultantes das pesquisas aqui analisadas.

Produzido pelo então Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, o RIVIR apresenta dados fundamentais para nossa reflexão ao responder perguntas como: Quais são as religiões mais perseguidas no Brasil? Qual a religião predominante das vítimas de intolerância religiosa? Qual a religião mais recorrente dos agressores? À primeira pergunta desvenda-se este cenário:

Tabela 1 – Religiões mais perseguidas no Brasil (2011-2015)

RELIGIÃO	%
De origem africana (umbanda, candomblé etc.)	27



Evangélica	16
Católica	8

Fonte: MINISTÉRIO DAS... (2016)

As informações acima concentram-se na perseguição sofrida pelas religiões, porém não necessariamente pelos seus seguidores. Assim, tornam claro que as religiões de matriz afro-brasileira ocupam o primeiro lugar e respondem por 27% dos alvos, objetos dos atos persecutórios e, portanto, da intolerância religiosa praticada pela sociedade brasileira.

Entre outros autores que pesquisam o tema intolerância religiosa, destaco Silva (2010, p. 10) para ajudar na compreensão de como se dão os atos de intolerância contra as religiões de origem afro-brasileira. O autor identifica a partir de dados coletados por meio da imprensa, mas também na literatura acadêmica:

- 1) ataques feitos no âmbito dos cultos das igrejas neopentecostais e em seus meios de divulgação e proselitismo;
- 2) agressões físicas *in loco* contra terreiros e seus membros;
- 3) ataques às cerimônias religiosas afro-brasileiras realizadas em locais públicos ou aos símbolos dessas religiões existentes em tais espaços;
- 4) ataques a outros símbolos da herança africana no Brasil que tenham alguma relação com as religiões afro-brasileiras;
- 5) ataques decorrentes das alianças entre igrejas e políticos evangélicos...

Em diálogo mais próximo com as pesquisas por mim realizadas, as informações abaixo respondem ao questionamento da religião predominante das pessoas, vítimas de intolerância. Tais respostas convergem para a religião mais perseguida, ou seja, religião e pessoas vitimadas coincidem, ambas se constituem ou se vinculam à de matriz afro-brasileira. Esta constatação pode parecer tautológica, mas a divergência poderia se constituir em uma possibilidade.

Tabela 2 – Religião das vítimas relatada pela imprensa escrita (2011-2015)



RELIGIÃO	%
Matriz africana	53
Católica	9
Evangélica	8
Islâmica	4
Espírita	2
Outras	15
Sem informação	9

Fonte: MINISTÉRIO DAS... (2016)

Corroboram estas informações a pesquisa realizada, em 2014, na 8ª Caminhada dos Terreiros de Pernambuco, onde 41% admitiram ser discriminados pelo exercício de sua religião de matriz afro-brasileira. Destes, 54% sofreram agressões verbais e 6% agressões verbais e físicas. Uma das pessoas chegou mesmo a ser expulsa de sua casa e outra sofreu discriminação apenas por usar indumentária semelhante ao chamado povo de santo.

Na Marcha para Jesus, um dos *lócus* da pesquisa em 2014, 82% disseram que nunca sofreram espécie alguma de discriminação, enquanto 19% informaram que sofreram agressões verbais ou pelas redes sociais. De todo modo vale chamar a atenção para o segundo lugar ocupado pela religião evangélica, como alvo de perseguição no Brasil, conforme revela a **Tabela 1**. A religião católica aparece ocupando a terceira posição de religião perseguida, embora bem distante dos 27% (de 8% para 27%) que atingem as de origem afro-brasileira, e representando apenas a metade da evangélica (8% de 16%).

Ainda na pesquisa realizada, em 2014, na “Festa do Morro”, 83% não registraram restrição alguma por pertencerem à igreja católica, contra 10% que



informaram ter sofrido agressão verbal ou descaso pelo exercício de sua crença. Mesmo que sejam apenas 10% que passaram por processo discriminatório, surpreende, pela sua posição hegemônica – e a hegemonia tem poder –, apesar da sua decadência numérica.

Na 13ª Caminhada dos Terreiros de Pernambuco, em 2019, do universo entrevistado, 48% eram adeptos das religiões de matriz afro-brasileira (Candomblé, Umbanda ou Jurema) e foram unânimes em admitir terem sofrido discriminação, agressão verbal ou agressão física pelo seu pertencimento. Outros não pertencentes a essa matriz completaram o universo de interlocutores: 15% católicos, 7% evangélicos e 7% de espíritas. O grupo de católicos não registrou ser vítima de qualquer atitude de restrição; metade do grupo evangélico sofreu agressão verbal; os espíritas sofreram discriminação e agressão verbal.

Importante registrar que as entrevistas foram realizadas nos respectivos *habitat* das religiões: Caminhada dos Terreiros/matriz afro-brasileira, Marcha para Jesus/evangélica e “Festa do Morro”/católica, onde a maioria de cada grupo desfrutava do seu lugar privilegiado de pertença ao lado dos seus pares. Caso as pesquisas tivessem se realizado em lugares diferentes, poderiam – hipótese a ser testada em outra ocasião – ter resultados diversos.

Quando se trata de identificar a origem religiosa dos que cometem intolerâncias com práticas de agressões, os oriundos da crença evangélica são de longe os mais recorrentes. Correspondem a 27%, seguidos com muita distância pelos 5% de adeptos do catolicismo, conforme abaixo.



Tabela 3 – Religião dos agressores relatada pela imprensa escrita (2011-2015)

RELIGIÃO	%
Evangélica	27
Católica	5
Outras	2
Ateu	1
Sem informação	65

Fonte: MINISTÉRIO DAS... (2016)

A informação que aqui reproduzo mostra que a instalação de um instrumento para que se fizessem registros inclusive de agressões de origem religiosa, o Disque 100, foi fundamental para que houvesse o aumento de utilização e denúncia, com segurança, resultando no aumento de casos registrados, como informa Vieira (2018): *“O número de denúncias de discriminação religiosa contra adeptos de religiões de matriz africana no Brasil feitas pelo Disque 100, serviço de atendimento 24 horas do Ministério de Direitos Humanos, aumentou 7,5% em 2018”*.

Silva (2007, p. 10) confirma que “Os casos de intolerância, antes apenas episódicos e sem grandes repercussões, hoje se avolumaram e saíram da esfera das relações cotidianas menos visíveis para ganhar visibilidade pública...”. As políticas públicas, acompanhadas de instrumentos de ordem prática e segura são, portanto, indispensáveis para minimizar, ou no mínimo identificar, os comportamentos intolerantes que grassam na sociedade.

Para Eller (2018, p. 318), dois aspectos importantes devem ser considerados para que se desenvolva um processo de intolerância: a religião, ao criar uma comunidade de crentes, cria também uma de não crentes que, desse modo, se constitui um “nós-contra-eles”. E que, sobretudo, as de “pretensões universais, totalísticas e absolutas de



verdade e moralidade – são as mais propensas à intolerância e ao conflito com base na religião. Entre estas estão as religiões translocais”. É o caso do cristianismo. Mas não é o caso das tradições religiosas presentes no NEIMFA, que trato a seguir.

4. Uma experiência de tolerância religiosa

Pensar em tolerar como respeitar, conceder, aceitar, consentir, suportar não traduz bem o que quero trazer nessa experiência de tolerância religiosa. Por isso faço coro com a ideia de que tolerar significa aceitar o Outro como humano, ou mais precisamente nas palavras de Hérítier (2000, p. 27): é “...aceitar a ideia de que os homens não são definidos apenas como livres e iguais em direitos, *mas que todos os humanos sem exceção são definidos como homens*”. E é nessa dimensão que compartilho uma experiência cuja tolerância religiosa cose o tecido social nas suas peculiaridades e diversidades.

O Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA) tem uma proposta transformadora permeada de esperança e de inclusão social. Mesmo sob as condições adversas em que vive a comunidade do Coque, bairro em Recife (PE), há a convicção de que a mudança é possível. Mudança de olhar, de atitude, que leva a sair daquela situação de violência, de pobreza, de difícil inserção na sociedade. Essa possibilidade está condicionada à mudança na educação, instituição social capaz de disseminar ideologias e que tem um papel importante nas mudanças individuais e, principalmente, coletivas.

Propõe, então, que as pessoas tenham um crescimento integral, e assim possam se desenvolver sob as perspectivas intelectual (inclusa a profissional), social, mas também espiritual. Esta última não está necessariamente ligada às religiões institucionalizadas, mas à espiritualidade. E na visão de um dos meus interlocutores,



neste ponto está o diferencial: uma vez dado o suporte cognitivo, social e espiritual reduzem-se os índices de violência, favorece-se o crescimento individual e coletivo e, por consequência, dissemina-se uma cultura de paz. O resultado, na sua concepção, é um sujeito mais humano, mais solidário, mais responsável por si mesmo e pelo outro. Penso, no entanto, que isto não se dá de modo preciso e matemático, embora reconheça que frutos já se colhem, pois vários jovens que tiveram sua formação no NEIMFA hoje são estudantes universitários ou profissionais em diversas áreas.

Um dos caminhos, então, que esse Núcleo trilha, a fim de contribuir para a mudança naquela comunidade, é disponibilizando atividades transformadoras de inclusão tendo como instrumentos os projetos sociais, viabilizados pelos Núcleos de: Direitos Humanos e Cultura de Paz; Educação e Cidadania; Gênero e Saúde; Arte e Cultura; Articulação Comunitária. O outro caminho inclui os grupos de práticas religiosas, foco principal do meu trabalho. Esses grupos dão oportunidade aos seus frequentadores de participar de rituais de diferentes tendências religiosas, entre os quais se incluem o budismo, o catolicismo, o espiritismo, a jurema. O clímax desses rituais é a roda de cura para onde convergem todas as tendências religiosas. As pessoas são livres para participar dos diferentes rituais ali postos à sua disposição. A pesquisa limitou seu foco na análise dos rituais, pela sua importância para o indivíduo e para a coletividade, e suas repercussões entre os participantes.

De fato, por meio dos ritos as crenças se consolidam (DURKHEIM, 1996) e faz-se a passagem do profano para o sagrado, dada a incompatibilidade dos dois mundos (GENNEP, 2011). Além do mais os ritos contribuem para o fortalecimento dos vínculos sociais entre os participantes (*ibid* 2011, p. 45), o que parece evidente, pois as pessoas se reúnem para uma atividade em que às crenças se misturam os sentimentos e as emoções individuais, mas também coletivas.



As tradições religiosas presentes no NEIMFA se apresentam de forma ressignificada, ou seja, elas não seguem todas as regras das religiões que lhes originaram. A preocupação principal no exercício dessas crenças é que não sejam apenas uma religião, mas que a espiritualidade seja o que mais importa para a composição do ser humano. Tanto é que, embora o catolicismo, o budismo, o espiritismo, a jurema se constituam diferentes tendências religiosas, o exercício ritualístico independe da presença de um líder tradicional, a exemplo de um Padre no ritual católico. Por outro lado, vivenciar uma ou mais tendências religiosas, por opção e não por imposição familiar ou por tradição, participar de uma e de outra, e não necessariamente de uma ou de outra pode contribuir para negar o “nós-contra-eles” abordado por Eller (2018), com respeito às pretensões universais das grandes religiões.

As tradições religiosas ofertadas pelo NEIMFA se apresentam com alguns aspectos em comum: o não exclusivismo do budismo, do espiritismo e da jurema, o caráter popular do catolicismo, a convergência de todas as tendências para a roda de cura e o transe que permeia aquelas práticas. Na verdade, todos têm liberdade de participar das várias tradições. Contudo a tendência é que se identifiquem mais com uma tradição do que com outra. E se alguma pessoa tem sua religião definida, ainda assim participa (ou pode participar) das diversas práticas.

Os depoimentos colhidos deixam claro que se retira de cada tradição religiosa o que ela pode oferecer tanto do ponto de vista da espiritualidade quanto pelo lado prático. Há a busca não somente da cura individual, mas também do momento de participação coletiva. Embora os projetos sociais se constituam um atrativo para as pessoas frequentarem o NEIMFA e obterem ajuda no sentido de se inserirem na sociedade, a orientação que predomina é que as atividades desses projetos incorporem uma visão educativa e humana, mas sem omitir a espiritualidade, num esforço de não dissociar o pensamento da ação.



O NEIMFA, com todas as precariedades ou conflitos que possam existir, característicos da condição humana, constitui-se em um exemplo prático de tolerância, que não se confunde com o ato de suportar o Outro, mas de aceitar o Outro como humano, por meio de uma constante aprendizagem, além de garantir a liberdade para as minorias, como assinala Cotler: “A liberdade de culto, em todas as suas formas, é assegurada a todos os indivíduos, mas a experiência demonstrou que os que mais necessitam dela são os membros das minorias religiosas”. Tudo isso na perspectiva do construto social que pode levar tanto à intolerância quanto à tolerância. No caso do NEIMFA, à tolerância.

5. Considerações finais

A intolerância, inclusive a religiosa, se impõe de modo incisivo, pois a recusa do outro pode vir acompanhada do seu banimento, da sua destruição, da sua extinção (HÉRITIER, 2000). A ação moldada por esse sentimento se faz num processo de construção do indivíduo ou do grupo social, de modo inconsciente, mas muitas vezes com toda a consciência para que determinado objetivo que favorece uma pessoa ou um grupo seja alcançado. Os atos de discriminação por uso de vestes, por agressão verbal e física aqui registrados, longe de serem um mero estranhamento etnocêntrico, podem também ser o modo de dizer que se o outro não é igual a mim não precisa existir.

Por outro lado, comento aqui as motivações religiosas que os levam a ser como são no exercício público da sua fé, cujos cenários são as Caminhadas, a Marcha, o Morro e o que esses eventos significam para suas vidas. Eles têm em comum o fato de serem religiosos, mas divergem pelas maneiras como estão moldados pelas peculiaridades de suas religiões.



Os adeptos do catolicismo, do patamar do privilégio da hegemonia, portanto, sem preocupações de serem aceitos ou não no seio da sociedade, participam do evento, a “Festa do Morro” para manter a tradição, para agradecer e cumprir promessas por graças e curas alcançadas, pedir benção, demonstrar fé e buscar o fortalecimento espiritual. Muitos conduzem peças que simbolicamente reproduzem a razão da gratidão, como exemplo, a miniatura de casa na cabeça por ter conseguido adquirir uma casa. Os registros que tive de serem vítimas de intolerância foram insignificantes, mas já despontam em segundo lugar, como agressores às religiões de matriz afro-brasileira.

Os participantes da Marcha para Jesus, com o ânimo da ascensão numérica e, portanto, com maior visibilidade e inserção nos diversos espaços da sociedade, enfatizam presença na rua como meio de evangelização, de reunir diferentes denominações, de conquistar as pessoas para o evangelho por meio dos louvores e da adoração, mas também de se divertir. Interessante notar que, apesar da adesão ao expressar-se de “corpo e alma”, houve alguns participantes que fizeram restrição ao que consideraram “músicas e danças semelhantes a manifestações mundanas” ou que “o verdadeiro evangelho não é esse show”. Mesmo com essas observações essas pessoas estavam lá. O protótipo do protestante sóbrio, discreto, que pratica a “ascese intramundana” de que trata Max Weber está bem distante da Marcha. Os evangélicos ocupam o segundo lugar como os grupos que recebem perseguição, mas o primeiro lugar entre os que mais agridem aos de origem afro-brasileira.

Quanto aos adeptos das religiões de matriz afro-brasileira, foco também dessas pesquisas, compreendem as Caminhadas de Terreiros como um momento de crescimento da sua fé, mas também de fazer reivindicações de ordem político-social, uma vez que as Caminhadas respondem também a um projeto político como anunciei linhas atrás. Daí a preocupação de seus integrantes de utilizá-las como foco de



resistência, de reafirmação da identidade religiosa, espaço de luta por visibilidade e pelo direito de exercer suas crenças pública e livremente, sem constrangimentos, com reconhecimento e respeito e, desse modo, vencer a intolerância. Reconhecem-nas, ainda, como lugar de expressão do que é belo, de confraternização, de busca da paz, de transmissão da ancestralidade (há o cuidado na Caminhada, por exemplo, de separar um veículo que possa conduzir os mais velhos que não têm condição de fazer o percurso a pé, como forma de respeito e inclusão), de promover o encontro do povo de santo e da união dos Terreiros, valorizando assim, a paixão e a fé pela religião que professam.

Demonstram ainda a preocupação de desvincular sua religião da pecha demoníaca, impingida principalmente por evangélicos pentecostais que nas suas prédicas atacam fortemente o panteão afro-brasileiro. Por meio dos rituais que se desenrolam nas Caminhadas, tais religiões tornam-se mais visíveis e, para meus interlocutores, reforçam a chamada cultura negra. Sem dúvida essas religiões e seus adeptos são os mais agredidos, como discuti neste texto, mas não se pode omitir que, associada a sua opção religiosa, se constituem em grande parte de pessoas com menor ascensão social e que trazem a marca da escravidão no corpo, a cor.

A esperança da tolerância religiosa se consolida na experiência do NEIMFA, onde as diversas tendências – budismo, catolicismo, jurema e espiritismo – se encontram sem exclusivismos, mesmo que mantenham as individualidades ritualísticas, os símbolos peculiares e o espaço físico preparado especialmente para atender exigências específicas. O mesmo espaço se transforma cotidianamente para assumir a identidade da tendência religiosa que o utiliza naquele momento ou para as atividades dos projetos sociais. Mas não há preocupação de manter a pureza da origem daquela religião, pois às vezes há símbolos de uma presente no ritual da outra. Os rituais são, portanto, momentos de encontro da coletividade. A mesma pessoa pode



circular por todos, que funcionam em dias e horários diferentes. O ápice do encontro coletivo está na Roda de Cura, ocasião em que todos, não importa sua preferência religiosa, participam. E a cada Roda há uma tendência religiosa mais contemplada.

A experiência do NEIMFA mostra que o investimento no ser humano na sua integralidade faz todo sentido. E a tolerância religiosa ali encontrada, é justificada pelas similitudes, em alguns aspectos, das tendências religiosas praticadas. O transe permeia todos os rituais. Não são religiões exclusivistas e não estão entre as de “pretensões universais, totalísticas e absolutas de verdade e moralidade...” (ELLER, 2018, p. 318). Tais convergências desestimulam o “nós-contra-eles” sinalizado pelo mesmo autor (*ibid*) e podem contribuir para a assimilação de uma identidade múltipla.

Recebido em 20 de julho de 2020.

Aprovado em 25 de outubro de 2020.



Referências

ANJOS, Simony dos. Porque a Marcha para Jesus é um trunfo na política brasileira? **Justificando**. 2019. Disponível em:

<https://www.justificando.com/2019/06/21/porque-a-marcha-para-jesus-e-um-trunfo-na-politica-brasileira/> Acesso em 16jul.2020

AQUINO, Rosa Maria de. **Liberdade, caminhada, festa: sinais de tolerância religiosa**. 28ª RBA. PUC. São Paulo, SP: 2012.

AQUINO, Rosa Maria de. **DIÁRIO DE CAMPO MARCHA PARA JESUS**. 2014.

CARLOS DECOTELLI DEIXA MEC APÓS POLÊMICA SOBRE FALSIDADES EM CURRÍCULO. **FolhaGospel**. 2020. Disponível em:

<https://folhagospel.com/carlos-decotelli-deixa-mec-apos-polemica-sobre-falsidades-em-curriculo/> Acesso em 16jul.2020

COTLER, Irwin. Religião, intolerância e cidadania: rumo a uma cultura mundial dos direitos do homem. In **Foro Internacional sobre Intolerância**. 1997: Paris, França. A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância, UNESCO, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia. Universal das culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducrocq; tradução Eloá Jacobina – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 60-73.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Tópicos).

ELLER, Jack David. **Introdução à antropologia da religião**. Trad. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GENEPP, Arnold van. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da parta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.**; trad. Mariano Ferreira; apres. Roberto da Matta. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

GEERTZ, Clifford. Nova luz sobre a antropologia. trad. Vera Ribeiro. rev.téc. Maria Cláudia Pereira Coelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

HÉRITIER, Françoise. O Eu, o Outro e a intolerância. In Barret-Ducrocq, Françoise (dir.). **A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância**, Unesco, 27 de março de



1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas; trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, pp. 24-27.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça em História**. Lisboa: Editorial Presença, 2008.

MINISTÉRIO DAS MULHERES, DA IGUALDADE RACIAL, DA JUVENTUDE E DOS DIREITOS HUMANOS. Alexandre Brasil Fonseca, Clara Jane Costa Adad (org.). Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Prefácio ou Notícias de uma guerra nada particular. Os ataques neopentecostais às religiões afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana no Brasil. In SILVA, Vagner Gonçalves da. (org.) **Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007, pp. 9-28.

IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF MARCA ANO DE 2016 NO CONGRESSO E NO BRASIL. **Senado Notícias**. 2016. Disponível em

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil> Acesso em 16jul.2020

RAMALHOSO, Wellington. Presidente precisa dar paz e autonomia para MEC funcionar, diz Mozart Neves. **UOL**. 2019. Disponível em:

<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/04/07/mec-ministerio-educacao-mozart-neves-bolsonaro-velez-olavo-carvalho.htm> Acesso em 16jul.2020

RIBEIRO, Apilly. Caminhada dos Terreiros pede respeito para seguidores de religiões de matriz africana no Recife. **G1 Pernambuco**. 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/11/01/caminhada-dos-terreiros-pede-respeito-para-seguidores-de-religoes-de-matriz-africana-no-recife.ghtml>
Acesso em 16jul.2020.

SOARES, Jussara; CAFARDO, Renata; LINDNER, Julia. Bolsonaro aceita pedido de demissão de Decotelli: Ministro da Educação está com a imagem arranhada por causa de falhas em seu currículo. **Terra**, 2020. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/bolsonaro-aceita-pedido-de-demissao-de-decotelli,813a815a3508b5798ddea74035830e237y6mw5on.html> Acesso em 16jul.2020

TVs CATÓLICAS OFERECEM A BOLSONARO “MÍDIA POSITIVA” NA PANDEMIA EM TROCA DE MAIS VERBAS DA SECOM. 2020. **Forum**. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/tvs-catolicas-oferecem-a-bolsonaro-midia-positiva-na-pandemia-em-troca-de-mais-verbos-da-secom/> Acesso em 07jun.2020



VIEIRA, Bárbara Muniz. Aumenta número de denúncias de discriminação contra adeptos de religiões de matriz africana em 2018. **DCM. G1 SP**. 2018. Disponível em:

<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/aumenta-numero-de-denuncias-de-discriminacao-contradeptos-de-religoes-de-matriz-africana-em-2018/> Acesso em 21nov.2018

VOCÊ SABE O QUE É O FORO DE SÃO PAULO? **Carta Capital**. 2014. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/politica/voce-sabe-o-que-e-o-foro-de-sao-paulo-7773/> Acesso em 16jul.2010